

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (\*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (Estados Unidos)  
**Colia Clarke** (Estados Unidos)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Ney Ferreira** (Brasil)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Apo Leung** (China)  
**Gloria Gracida** (México)  
**M. A. Patil** (Índia)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**John Sweeney** (Grã-Bretanha)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

## CHINA / HONG KONG

### Libertação e liberação de todos os sindicalistas presos

**Na manhã de 6 de Janeiro de 2021, foram presas Carol Ng, presidente da Confederação dos Sindicatos de Hong Kong (HKCTU), Winnie Yu Wai-ming, presidente do Sindicato Aliança dos Empregados Hospitalares, e outros sindicalistas da HKCTU.**

#### Entrevista com Carol Ng, presidente da Confederação dos Sindicatos de Hong Kong (HKCTU)

**Prenderam-te no dia 6 de Janeiro. Podes-nos contar?**

**Carol Ng:** “Aconteceu por volta das 6 da manhã. A essa hora, em Hong Kong ainda está toda a gente a dormir. Assim era em minha casa. De repente, ouviu-se um toque de campainha longo e que não parava. Tive de ir atender para parar com aquilo. Era a polícia, que me disse que estavam ali para me prenderem por violação da Lei de Segurança Nacional.

A polícia acusou-me de ter participado nas primárias do Verão passado, que foram organizadas para seleccionar os melhores candidatos possíveis para as eleições legislativas. Disseram-me para acompanhá-los à esquadra.

Ninguém está à espera de uma coisa assim àquela hora da manhã, especialmente à frente da minha filha, da minha família. Em minha casa, só há mulheres. Vimo-nos com seis polícias pela frente de madrugada. Por sorte, consegui entrar em contacto com o meu advogado. As 36 horas que passei sob detenção policial foram esgotantes. Entretanto, fui libertada sob caução. No entanto, vi-me, desde essa altura, sob constante vigilância policial.

Antes de sair para a esquadra, a polícia revistou-me a casa toda. Viraram tudo do avesso e espalharam a papelada, levaram documentos e, também, o meu computador, telefones móveis e duas tabletes. A revista durou duas horas. Os vizinhos também ficaram muito preocupados (em Hong Kong, as famílias vivem todas em

grande edifícios, e os vizinhos ouvem tudo o que se passa no patamar). Pela primeira vez na vida, algemaram-me. Quando a polícia me tentou enfiar um capuz, recusei-me. Disse-lhes “*Não sou uma assassina!*”

#### De que te acusam?

**C. N.:** “As acusações de organização das primárias são uma fabricação. Viram-se contra mim por ser presidente da HKCTU. Eu concorri às primárias em nome da HKCTU e do Partido Trabalhista. A luta para mudar as coisas começa pela política. E a política começa por participar em eleições. Acusarem-me de participar nas primárias por conta da HKCTU passa das marcas. As eleições são garantidas pelas leis fundamentais de Hong Kong. Através de mim, é a HKCTU, como sindicato, que eles têm na mira. O regime vê-nos com muito maus olhos. É também um ataque aos direitos dos trabalhadores, ao direito de organização e ao direito de contratação colectiva.”

#### Que outros sindicalistas foram presos ou acusados?

**C. N.:** “Prenderam 53 sindicalistas, eu incluída. Todos eles eram candidatos às primárias ou os seus principais organizadores. Pelas informações que temos, todos eles estão numa situação semelhante à minha. Sei de dois casos em que as prisões foram muito violentas, a polícia arrombou as portas e foi muito agressiva.

Pela minha parte, foi a primeira vez que me acusaram de alguma coisa, mas muitos outros que já tinham sido presos antes vêm-se na iminência de levarem penas mais pesadas, por reincidência. O regime está a tentar acumular os pontos de acusação.

Separaram as mulheres dos homens em esquadras da polícia diferentes. Durante os interrogatórios, fizeram-nos constantemente as mesmas perguntas. Os nossos advogados também foram pressionados, obrigados a correr de uma esquadra para a outra para terem a certeza de que os direitos dos clientes não estavam sendo violados.”

### **Temos seguido com interesse o recente movimento de constituição de novos sindicatos em Hong Kong. Que balanço fazes?**

**C. N.:** “Formou-se recentemente grande número de novos sindicatos. Alguns deles filiaram-se na HKCTU. Representam vários sectores que eram até agora muito difíceis de organizar. É o caso do pessoal médico dos hospitais públicos, que antes não estava sindicalizado. Entretanto, formaram um sindicato que já tem 20.000 novos sindicalizados. O sector dos serviços financeiros é outro exemplo: são muitas vezes banqueiros ou empregados bancários jovens, que se costumavam safar muito bem. Agora, desde que houve as mobilizações de

2019, o sector tem-se visto muito afectado. Eles agora querem fazer diferença e, para isso, formaram um sindicato. Do mesmo modo, entre os professores, só os professores universitários tinham tradição de discussão política. Agora, há professores de todos os graus de ensino a sindicalizarem-se, do jardim de infância ao superior.

Há igualmente um movimento de sindicalização na maior parte dos sectores precários, como os trabalhadores da limpeza ou o pessoal ligado à gestão de imóveis.

Muitos destes novos activistas são jovens e estão decididos a fazer diferença. Querem mudar a política do governo e mudar o regime. O governo vai ter de os escutar.

A Covid afectou muitos postos de trabalho. Houve muitos empregados que foram postos em horário reduzido ou em licença sem vencimento. Houve muitos despedimentos. Toda a gente esperava que o governo actuasse a favor dos trabalhadores. Só que o plano do governo de apoio ao emprego permite aos patrões pedir dinheiro ao Estado, sem garantia de ele ser depois distribuído aos trabalhadores.

O governo deu 17 mil milhões de dólares de Hong Kong à [companhia aérea] Cathay Pacific. Isso não impediu a empresa de despedir 5.000

trabalhadores e de liquidar a sua subsidiária Cathay Dragon. Há poucos meses, a administração anunciou aos sindicatos de pessoal de bordo e pilotos que ia acabar com a contratação colectiva. É inaceitável. A empresa está aproveitando a pandemia, tal como o governo está manipulando a situação para atentar contra o direito de contratação colectiva e de organização. É um ataque frontal ao sindicato.”

### **Que género de campanha de solidariedade internacional é preciso?**

**C. N.:** “É muito importante que as organizações sindicais internacionais se mobilizem e que se multipliquem os apelos de sindicatos nacionais. Apelamos à solidariedade dos sindicatos para se dirigirem à Cathay assim que algum avião dela aterre nos seus países. O governo de Hong Kong tem de mudar de política e respeitar os direitos democráticos fundamentais, incluindo o direito de participação em eleições. Tem de garantir os direitos dos trabalhadores, incluindo o direito à contratação colectiva e o direito de organização. Que não se intimidem os direitos políticos dos trabalhadores!”

**Entrevista realizada em 11 de Janeiro por G. Favre.**